
“A SELVA” (1930) DE FERREIRA DE CASTRO: CARACTERIZAÇÕES DO POVO DO SERINGAL PELO VIÉS LITERÁRIO

“THE JUNGLE” (1930) BY FERREIRA DE CASTRO: CHARACTERIZATIONS OF THE PEOPLE FROM RUBBER PLANTATION BY LITERARY BIAS

Iliane Tecchio⁴³

Airton de Mesquita Silva⁴⁴

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo de caráter qualitativo acerca do romance *A Selva* (1930) do escritor português Ferreira de Castro (1898-1974). Tem-se como objetivo destacar as caracterizações do caboclo, do índio e do seringalista sob o ponto de vista do texto, a fim de, por meio da obra, refletir sobre a construção cultural desse público habitante da região norte do Brasil. A literatura, mesmo sendo criação, algo de verossímil pode emergir por meio da trama, das vozes das personagens, o que pode colaborar para que o leitor perceba e compreenda o meio ao qual está inserido, a sua cultura e a sua história. Com este estudo pretende-se, também, chamar a atenção dos leitores para obras literárias cujos enredos envolvem a região norte e, por extensão, colaborar para divulgar tais criações na perspectiva de que mais pesquisas acadêmicas possam emergir e que venham contribuir para compreensão de aspectos culturais da região norte, principalmente aqueles que se originaram a partir do seringueiro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Literatura Nortista; Seringal; A Selva.

ABSTRACT: This article presents a qualitative study about the novel *The Jungle* (1930) by the Portuguese writer Ferreira de Castro (1898-1974). The aim is to highlight the characterization of the hillbilly, the Indian and the rubber worker from the point of view of the text, in order to reflect on the cultural construction of this public living in the northern region of Brazil. Literature, even though as a creation, something verisimilar can emerge through the plot, the voices of the characters, which can help the reader to perceive and understand the environment in which it is inserted on, its culture and its history. This study also intends to draw readers' attention to literary works whose plot involves the northern region and, by extension, work together to propagate such creations in the perspective that more academics researches can emerge and contribute to understanding cultural aspects of the northern region, especially those that originated from the rubber workers.

KEYWORDS: Literature; Northern Literature; Rubber plantation; The Jungle.

⁴³ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na área de Letras/Português/Inglês e Literatura no IFAC - Instituto Federal do Acre.

⁴⁴ Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância, pela Universidade Fluminense - RJ, 2015. Especialista em Ensino Profissional Técnico e Tecnológico em 2016, pelo Instituto Federal do Acre - IFAC.

INTRODUÇÃO

A literatura, de acordo com Afrânio Coutinho (1978), caracteriza-se como uma transfiguração do real, isto é, uma realidade recriada pelo viés da imaginação do escritor e retransmitida pelo canal da escrita. Não poderíamos deixar de citar a definição de arte literária do filósofo grego Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.), que em sua Poética, como citado por Costa (2003), afirmou que literatura é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra. Entendemos, então, que quando nos reportamos a uma obra literária estamos estabelecendo contato com uma realidade social, política, cultural de um povo, recriada e documentada através das inspirações, experiências de vida e do olhar do artista-escritor sobre determinada realidade.

Por esse viés, e a título de ilustração, citamos a obra *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro por expressar uma verossimilhança com a história do período áureo da borracha na região Norte, maior produtora de borracha natural do mundo na época (auge da produção deu-se entre 1879 e 1912, e posteriormente uma sobrevida no período da Segunda Guerra Mundial). O romance recria a realidade dos seringueiros vindos do nordeste do Brasil para trabalharem na produção de borracha nos mais longínquos seringais da região amazônica. Essa obra de Ferreira de Castro pode ser contemplada como um retrato da realidade social, cultural e econômica vivida pelos seringueiros na imensa floresta. *A Selva* desenha as relações sociais, afetivas e ambientais ocorridas sob o teto da floresta – retratada como um elemento superior - que subjuga, reprime e controla o homem.

O conteúdo do romance em análise, evidencia elementos da literatura realista com riqueza de detalhes, destacando uma dimensão social coletiva, estabelecida justa ou injustamente na sociedade da época, marcada pela discriminação social, pela miséria econômica, pelo isolamento na floresta e o desenraizamento dos seringueiros, provindos, na sua maioria, do Nordeste. Castro (1999, p.61) recorda que “A chegada de *brabos*, de novos legionários que o Ceará e o Maranhão enviavam à selva, era sempre motivo de galhofa para aqueles que já tinham amestrado na vida da terra submissa e de costumes singulares”. Esses homens precisavam se reinventar para se adaptarem e sobreviverem no novo ambiente. Outro fator de opressão eram as dívidas, pois ao adentrar os seringais, os novos seringueiros se endividavam no armazém do Seringalista Juca Tristão, o que resultava em anos de trabalho a mais somente para pagar a dívida de produtos superfaturados. Vejamos o que diz o texto:

Mas para com os “brabos”, ignorantes do que era e não era indispensável, Juca Tristão procedia de maneira diferente. Ele próprio organizava a lista do aviamento: o boião para defumar, a bacia para o látex, o galão, o machadinho, as tijelinhas de folha, todos os utensílios que a extração de borracha exigia [...]. Aquele era sempre o “talão grande” que, somando as despesas da viagem e mais empréstimos, prendia por muitos anos ao seringal, em trabalho de pagamento, o sertanejo ingênuo. (CASTRO, 1999, p.68).

O romance de Ferreira de Castro estrutura-se permeado de elementos da literatura realista e naturalista. Identificação de árvores, de animais, descrição de instrumentos de trabalho, de locais de trabalho, de repouso, de entretenimento, descrição pormenorizada da paisagem, queda do preço internacional da borracha, substituída gradualmente por produtos químicos sintéticos, condenando os seringais à falência, e com eles o sofrimento de muitas vidas, são alguns exemplos de elementos realistas, como exemplificado na passagem: “Viera o desenvolvimento da indústria norte-americana, milhões de pneumáticos e câmara de ar estoirando num só dia, ao longo do mundo, e, contudo, a desvalorização mantinha-se, como um anátema incurável”. (CASTRO, 1999, p. 185).

Por outro lado, a predominância de elementos dramáticos, como morte a de seringueiro e do seringalista, de caráter vicioso, como o embrutecimento dos seringueiros através da cachaça, “[...] no barranco iam se acumulando caixotes, sacos e barrís, barrís, barrís, porque a cachaça era a morfina para a vida triste do seringueiro” (CASTRO, 1999, p.63), a ostentação da autoridade e do poder absoluto de Juca Tristão sobre o antigo escravo Tiago, a narração de cenas de zoossexualismo, a exaltação de sentimentos negativos da humanidade, como o ciúme, a posse sexual sobre a menina filha de Lourenço e sobre a idosa D. Vitória, mãe de Alexandrino, e o desejo de Alberto sobre o corpo de D. Yáyá, caracterizam-se elementos naturalistas na constituição do romance. Vejamos um exemplo dessa característica naturalista na obra:

Atravessaram e como ali estivesse presa a égua que trouxera Balbino, o mulato aproximou-se e passou-lhe, em longa carícia, a mão pelo dorso. Estremeceu a pele do animal que, volvida negligentemente a cabeça para quem assim o afagava, tornou a remoer as ervitas do chão. [...] Em certo momento os olhos de Alberto enxergaram algo de muito estranho, atrás do canavial. A égua fora levada para ali e junto dela estava Augustinho, trepado num caixote e com a roupa descomposta. (CASTRO, 1999, p.90).

Porém, o mais enigmático elemento naturalista em *A Selva* é, sem dúvida, a própria selva, elevada à categoria de personagem principal, uma vez que se sobrepõem a todos, nivelando as classes, de uma certa forma. Com a mesma força que atua sobre o seringalista Juca

Tristão, também se sobrepõem ao mais simples seringueiro na sua colocação, como constata-se na passagem:

Era um aglomerado exuberante, arbitrário, louco, de troncos e hastes, ramaria pegada, multiforme, por onde serpeava, em curvas imprevistas, em balanços largos [...] que fazia de alguns trechos uma rede intransponível. (CASTRO, 1999, p.69).

No romance, o emigrante vai se transformando gradativamente, vai perdendo sua identidade natural, ora é definido como *brabo*, alheio às atividades do seringal, ora como *branco*, inimigo das tribos locais, outro obstáculo imponente, fruto da floresta. Personagem, como Alberto constitui-se como uma espécie de *tipo* literário universal ou geral, identificador singular dos estados, situações e problemas sociais e existenciais do coletivo. A partir dele vem à tona toda problemática narrada no romance, sob o caráter autobiográfico do autor Ferreira de Castro.

Por meio da leitura da obra *A Selva* de Ferreira de Castro, as afirmações de que literatura se trata apenas de ficção, de que romances são frutos de *imaginações* de seus criadores, são declarações a serem repensadas. A narrativa em questão traz reminiscências de um passado na Amazônia que tem reflexos até hoje. Os estereótipos construídos culturalmente acerca dos indígenas, dos caboclos e da região Norte, podem ser resultados também das contribuições literárias.

Neste contexto, este estudo que faz parte do Grupo de Pesquisa “Interregionalizações de Línguas e Linguagens” do Instituto Federal do Acre (IFAC), se concentra, entre outros escopos, em reforçar que a literatura (aqui com ênfase no romance), tem muito a nos ensinar. Por meio da trama, das personagens, do cenário é possível refletir sobre a construção da identidade de um determinado grupo social. É o foco que nos lançamos na escrita desse artigo. Apresentamos, a seguir, as divisões desse texto com vistas a orientar o leitor em sua leitura.

Na primeira parte deste estudo citamos alguns escritores do cânone literário, sejam eles nortistas ou de outras regiões do Brasil, que abordaram temas da cultura amazônica em suas obras. O intuito centra-se em sublinhar para os leitores que, embora o Norte seja uma região ainda um pouco desconhecida acerca das produções artísticas incluindo a literatura, o teatro, a música, o cinema, com certeza muito se tem produzido, principalmente na literatura.

Na continuidade, relembremos a obra *A Selva* (1930) do escritor português Ferreira de Castro, como já mencionamos nesta introdução, na qual o autor descreve suas experiências e

percepções acerca da realidade dos emigrantes e seringueiros que se deslocavam para a Amazônia para trabalhar na extração da borracha. Ferreira apresenta o homem em suas relações sociais, ambientais, culturais, submetido às forças da natureza selvagem, sob o julgo do padrão seringalista, e tudo o que cerca o homem em meio à selva amazônica na luta pela sobrevivência nos seringais. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências que orientaram esse estudo.

1. RELEMBRANDO ESCRITORES DA LITERATURA NORTISTA

Em uma pesquisa realizada em 2015 com 180 estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Município de Sena Madureira, na qual foi aplicado um questionário com 14 questões acerca de hábitos de leitura e conhecimento da literatura nortista, constatou-se que a grande maioria dos alunos entrevistados desconhece criações literárias ou escritores que retratam a região norte em suas obras.

O questionário, que fez parte do Projeto PIBIC (2014-2015) que teve como título; *A Literatura Nortista em Destaque*, foi estruturado com base no documento *Retratos da Leitura no Brasil*, fruto de uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro em 2011, incluiu perguntas como: 1. Qual é o escritor brasileiro que você mais admira? 2. Você leu algum livro de literatura que tem como tema o Norte do Brasil? 3. Você conhece algum escritor nortista? 4. Você assistiu algum filme baseado na literatura nortista? Constatou-se que 97% dos alunos que responderam ao questionário, não conhecem obras literárias que tem como cenário o Norte; 2% conhecem escritores nortistas (provavelmente por terem ouvido falar na escola) mesmo que não tenham conhecimento de suas obras; apenas 10% dos discentes são conhecedores de filmes como *A Selva* e *Amazônia em Crônicas*, que tem como cenário o norte do Brasil. Chamou a atenção que 20 escritores brasileiros aparecem citados no questionário, mas apenas Chico Mendes como o único escritor nortista conhecido pelos alunos.

O resultado da pesquisa causou certo estranhamento e preocupação, dado o fato que são alunos residentes na região norte e a literatura nortista contar com escritores de destaque no cenário nacional e mundial, com obras que foram adaptadas para o cinema, como *A Selva* de Ferreira de Castro; com escritores premiados como Dalcídio Jurandir que em 1972, a Academia Brasileira de Letras lhe concedeu o Prêmio Machado de Assis, entregue por Jorge Amado, pelo conjunto de sua obra.

A literatura tem muita informação cultural que não pode ser negada ao estudante. Uma composição literária pode contribuir em grande escala para o conhecimento da formação social de uma dada região. Os povos da Amazônia, por exemplo, por muitos séculos foram encorajados a esquecer, sem lutar, sua natureza original, vendendo seu trabalho, engolindo todas as relações sociais impostas por seus colonizadores. Através da arte os povos amazônicos desenham muitas experiências históricas entrelaçadas de choque cultural e polinização cruzada. Para Massaud (1999) os seus adeptos propunham uma literatura engajada de ação social, visando à transformação da sociedade com a denúncia das iniquidades sociais.

Concatenando com esta reflexão, Leão (2009) sublinha que a região amazônica por estar isolada geográfica e historicamente do restante do país, a representação do homem amazônico, tanto nas narrativas castrianas quanto em outras, está associada ao primitivismo e à animalização, devido à “inconveniente proximidade do homem amazônico com a natureza” (LEÃO, 2009, p. 67).

Com intuito de assinalar o destaque da literatura nortista na composição da literatura nacional e dos escritores filhos do Norte, selecionamos alguns autores por serem estes nativos ou que viveram na região amazônica. Não caberia em um artigo espaço suficiente para relembrar todos os grandes nomes de autores que, através de suas criações literárias, nos oportunizaram conviver com personagens que se fizeram reais, por traduzir em palavras tramas humanas vivenciadas em um ambiente que só por sua imponência merece nosso respeito.

Começamos com Tenreiro Aranha (1769-1811). Natural do Estado do Amazonas, poeta nativo da língua portuguesa, é considerado o primeiro artista autêntico amazonense porque viu sua terra com os olhos de um homem não português, mas que viveu como português. Infelizmente muitas das suas produções foram perdidas na época da Cabanagem. *Obras Literárias* traz uma coletânea de poesias do escritor reunidas por seu filho e publicada em 1850.

José Veríssimo (Óbidos/PA, 1857 - Rio de Janeiro/RJ, 1916), em suas criações literárias sempre deu destaque para o norte do país. Publicou obras como *Cenas da Vida Amazônica* (1886), *A Amazônia* (1890) e *A Pesca na Amazônia* (1895), nas quais traz o Norte como principal cenário. Além de suas obras, Veríssimo também proferiu palestras nas quais o norte do Brasil é retratado. Uma das palestras a qual se tem mais destaque é *O homem de Marajó e a antiga civilização amazônica* apresentada na viagem à Paris em 1889.

Euclides da Cunha (Cantagalo/RJ, 1866 – Rio de Janeiro/RJ, 1909). Ficou conhecido pelas obras como *Os Sertões* (1902), que foi consagrada como referência na literatura, livro

esse que trata da Guerra dos Canudos (1896-1897) no interior da Bahia. Conheceu o norte do país através de uma expedição à Amazônia, como chefe da comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus em 1904, com o objetivo de cooperar na demarcação dos limites entre Brasil e Peru. Essa experiência resultou na obra póstuma *A Margem da História* (1909) e o prefácio do livro de Alberto Rangel *Inferno Verde* (1908), ambas as obras têm a Amazônia como cenário.

Gastão Cruls (Rio de Janeiro-RJ, 1888 - Rio de Janeiro-RJ, 1959), publicou romances e contos, ilustrando a vida brasileira, nomeadamente a realidade amazônica. Baseando-se apenas na imaginação e em leitura, pôde descrevê-la em minúcias no romance *A Amazônia misteriosa* (1925) antes mesmo de conhecê-la. A obra foi adaptada para o cinema e apresentada ao público em 2005, sob a direção de Ivan Cardoso, com o título *Um Lobisomem na Amazônia*. Mais tarde retoma ao tema com mais objetividade, em *A Amazônia que eu vi* (1930).

Ferreira de Castro (Ossela, 1898 – Porto, 1974), foi um escritor português, que aos doze anos de idade emigrou para o Brasil. Durante quatro anos viveu e trabalhou no seringal Paraíso, em plena selva Amazônica, no período da borracha. Essa experiência permitiu-lhe escrever mais tarde aquela que é considerada a sua obra-prima: *A Selva*, publicada em 1930. Em seguida foi para Belém, onde lançou seu primeiro romance *Criminosos por Ambição* (1916). Logo depois em 1919, regressou a Portugal, onde continuou a publicar suas obras: *Sangue Negro* (1923), *A Morte Redimida* (1925), e *A Selva* (1930) que em 2002 foi adaptada em filme de longa metragem, sob a direção de Leonel Vieira.

Emigrante, homem do jornalismo, mas, sobretudo ficcionista, é hoje em dia, ainda, um dos autores com maior obra traduzida em todo o mundo, podendo-se incluir a sua obra na categoria de literatura universal moderna, precursora do neo-realismo, de escrita caracteristicamente identificada com a intervenção social e ideológica.

Outro escritor de destaque é Leandro Tocantins (Belém-PA, 1928 – Rio de Janeiro-RJ, 2004). Suas obras giram em torno de dois pólos de influências: Belém e Acre. Aos 21 anos escreveu seu primeiro livro, *O Rio Comanda a Vida* (1952), no qual faz um estudo da importância e influência dos rios na vida dos povos da floresta amazônica. Mais tarde escreveu *Formação Histórica do Acre* (1961), a partir de histórias a ele contadas por cearenses, paraibanos, pernambucanos, baianos e sergipanos que foram em busca de conquistar o Acre.

O crítico de cinema Márcio Souza nascido em Manaus-AM em 1946, iniciou a carreira literária com seu primeiro romance *Galvez, Imperador do Acre* em 1976. A seguir, escreveu

outros romances, ensaios e textos teatrais inseridos no ambiente sociocultural da Amazônia, que foram lançados com o mesmo impacto. Romances como: *Mad Maria* (1980), (que transformou-se em minissérie, produzida e exibida pela Rede Globo em 2005); *A Ordem do Dia* (1983)” e *O Placo Verde* (1983). Ensaios como *O Empate Contra Chico Mendes* (1986), *Fascínio e Repulsa* (2000) e *Breve Historia da Amazônia* (2001). Peças de teatro como *Dessana, Dessana, A Paixão de Ajuricaba* e *As Folias do Látex*. Também lançou a trilogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* que levou mais de 10 anos para ficar pronta e inclui as seguintes obras: *Lealdade* (1997), *Desordem* (2001) e *Revolta e Derrota* (2007).

Por último, destacamos Milton Hatoum (Manaus- AM, 1952). Hatoum é considerado um dos maiores escritores vivos do Brasil. Escreveu romances como *Relatos de Um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), (os três ganhadores do Prêmio Jabuti de melhor romance), e *Órfãos do Eldorado* (2008), que lhe rendeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Seus livros já venderam mais de 200 mil exemplares no Brasil e foram traduzidos em 8 (oito) países, como Itália, França, Espanha e EUA. Em suas obras retrata lares desestruturados com uma leve tendência política. Em suas obras *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, percebe-se uma sutil crítica ao regime militar brasileiro.

2. A SELVA (1930)

A obra *A Selva*, publicada em 1930, pode ser classificada como um romance autobiográfico, pois teve como inspiração as experiências do escritor nos seringais no alto do rio Madeira, no estado do Amazonas. Ferreira de Castro utilizou como elenco literário suas experiências no Brasil onde viveu dias duros, dias tormentosos, dias de miséria, mas onde aprendeu e enriqueceu a sua sensibilidade na contemplação dos sofrimentos alheios, como é possível perceber no desenvolvimento da narrativa.

Em *A pequena história de A Selva*, uma introdução a obra, Ferreira dialoga com o leitor e conta o quanto foi difícil para ele superar os efeitos traumáticos dos 4 anos vividos no seringal chamado Paraíso, tanto que escrever *A Selva* causa-lhe “Medo de reabrir com a pena, as minhas feridas, como os homens de lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas dos seringueiros. Um medo frio que ainda sinto...” (CASTRO, 1999, p. 19).

Ferreira de Castro levou 7 meses para escrever a obra. Quando terminou, em 29 de novembro de 1929, estava tão fatigado que sentia-se como se escrevendo estivesse não apenas

revivendo, mas sentindo na própria carne cada traumático dia daqueles quatro anos passados na imensidão da floresta amazônica.

(...) tão fatigado me sentia por essa fusão com a vida dos seringais, tão doloroso me fora beber, na transposição literária do meu próprio sangue, que, na mesma noite em que conclui o livro, disse a Diana de Liz que não voltaria, durante muito tempo, a escrever romances. (CASTRO, 1999, p. 22).

A data da partida para o seringal é citada pelo escritor como sendo em 1914, quando a personagem principal o português Alberto, emigrou para Belém do Pará e foi logo contratado a mando do seu tio com quem vivia, para trabalhar no seringal chamado Paraíso, lá permanecendo por longos 4 anos. A ironia do nome do seringal serve como um primeiro sinal de não analisar a obra só do ponto de vista dos sofrimentos físicos, como os sofridos nos seringais tão profundamente descritos pelo escritor no transcórre da trama.

A obra termina com um grande incêndio que destrói a casa do senhoril e o seringal.

(...) Já não se via o bananal, apagava-se, ao longe, os contornos da selva, o rio fundira-se na noite e os troncos cinzentos das três palmeiras começavam a vestir-se de luto. Quando chegasse a manhã derramando da sua inesgotável cornucópia a luz dos trópicos, haveria ali apenas um montão de cinzas que o vento, em breve, dispersaria. (CASTRO, 1998, p. 288).

Este *grandfinale* no qual as labaredas impiedosamente consumiram reduzindo em cinzas principalmente a casa do senhoril, poderia muito bem ser interpretado como o final de um período de crueldade, exploração, isolamento, pois as cinzas citadas na passagem em destaque, pode ser simbolicamente interpretada como um elemento “fruto do fogo e representativo, entre outras coisas, da dor, da lamentação, da penitência, do sofrimento e da morte” conforme define Padre Saunders (2001).

As relações sociais que ocorriam nos seringais, entre, basicamente, o explorador e o explorado, que culminava com a exploração do trabalho do seringueiro, que tantas vezes se reporta o escritor por meio da personagem Alberto, é um fator que contribuiu significativamente para o comportamento do homem em relação à Amazônia e para as diferentes maneiras de percebê-la, como observa Cristóvão (1974) que *A Selva* é um romance amazônico porque se insere na tradição de representação da natureza selvática.

Na narrativa há pouco espaço para a figura humana, mas quando o há, é frequente a associação dos indígenas e dos caboclos ao instinto, à animalização: “(...) a selva impunha o progresso à negligência, o retrocesso dos civilizados, como se estivesse empenhada em reincorporá-los na selvageria de onde se tinham evadido? ” (CASTRO, 1999, p. 231). Esta representação comprova o que afirma Santos, de que “a construção da diferença exigiu a criação de um estereótipo do colonizado como selvagem, animal” (SANTOS, 2010, p. 236).

Quanto ao índio, percebe-se que a obra traz sobre ele discursos colonialistas do século XVI, na medida que o descreve como parte de uma civilização barbárie, selvagem, animalista. Em *A Selva* há um relativo destaque para os índios parintintins, sobre os quais havia a lenda de que eram ferozes e cortavam a cabeça dos brancos, para aterrorizá-los. Entretanto, a única aparição do índio parintintins é quando ele já está morto, apesar da personagem Alberto ficar todo em alerta a espera de um ataque repentino.

O conhecimento que Alberto tem sobre eles foi por intermédio do Caboclo Firmino, o maior responsável pela construção do medo de Alberto, como notamos na passagem: “Quando não há cabeça de homem, levam de criança, de cachorro e de gato, de tudo que aparece. Deitam fogo à barraca e arrasam a mandioca e o canavial. Não podem ver um civilizado...” (CASTRO, 1999, p. 111). É interessante notar que mesmo Firmino, na sua condição de caboclo, se utiliza do discurso colonial sobre as instâncias do civilizado e do rude, bestial. O índio, para Firmino, é o não-humano, o que justifica o seu extermínio: “Aquilo é bicho que só deixará de ser ruim quando desaparecer. Eu, se encontro algum, mato-o logo! ” (CASTRO, 1999, p. 111).

Por outro lado, na caracterização do caboclo, inclusive da personagem, o Caboclo Firmino, também se inserem pressupostos colonialistas. O narrador, em concordância com o posto de vista de Alberto, assegura que a condição de caboclo garantia privilégios no seringal, como não ter a responsabilidade de extrair a goma: “Era uma regalia muito antiga, que sua raça conquistara, não por força activa, mas por indolência inata” (CASTRO, 1999, p. 148). O narrador cria o estereótipo do caboclo preguiçoso e sem ambições, como percebemos na passagem: “Somente este homem bronzeado, de cabelo liso e negro, que nascera já renunciando a tudo se comprazia numa existência letárgica, junto de copiosas riquezas, encontrava nela vida fácil” (CASTRO, 1999, p.148). Em seguimento percebe-se que, para o caboclo, na visão do narrador, o mundo, resume-se numa barraca, numa mulher e numa canoa; desprezava os nordestinos que migravam para a selva em busca de dinheiro e riquezas:

O caboclo via-os chegar, tão infelizes e desprotegidos, como diligentes e cobiçosos; via-os, com indiferença, ocuparem a terra dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo. Mas o tempo decorria e os que de começo, espalhavam energias, acabavam mostrando depauperamentos; os que haviam trazido expressão de futuros vencedores, arrastavam-se depois como vencidos; e por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre, centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. (CASTRO, 1999, p. 149).

De acordo com Leão (2009), por meio da sua obra Castro nos revela a imagem de um lugar dimensional no qual o trabalho desumano e mal remunerado de inúmeros seringalistas ficava escondido pela mata exuberante e profusa. Ainda, de acordo com o pesquisador, *A Selva abarca* marcas de universalidade, pois traz à tona o drama perene entre o homem e o meio natural, que de tão prolífico e dual escondia dentro em si outro drama: o social, na luta contra as desigualdades.

E assim se configuram o homem e a floresta em *A Selva*: a glória e o desespero, o bem e o mal, na esfera de um único círculo significativo, o da dominação. Aquele que tem o poder de mandar e aquele que obedece, convivendo juntos na floresta tropical da qual sugam a seiva da vida, num processo de *vampirização*, de exploração no qual apenas os fortes sobrevivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antropólogo Roger Bastide, inicia o capítulo que trata da Amazônia brasileira, em seu livro *Brasil, Terra de Contrastes* (1980), sintetizando os embates que a maior floresta tropical do mundo pode gerar no pensamento de muitos que com ela se defrontaram, aqui no Brasil:

Inferno? Paraíso? Terra que Deus criou no sétimo dia da criação? Região de sonhos e de miséria? Filósofos, sociólogos, geógrafos não sabem como definir este labirinto de águas, de flores, de lianas. Rio –mar, ilhas que surgem para desaparecer, terras que desabam e se refazem. Nem paraíso como queriam os primeiros exploradores, entusiasmados com a descoberta de frutos desconhecidos, de sabores novos, de mulheres nuas para saciar volúpias de marujos glutões – nem inferno, como queriam viajantes fatigados da imensidão verde, picados por insetos, temendo perder-se, sumir, sentindo a inteligência dissolver-se lentamente, pensamento e corpo transformando-se em água... Mas, talvez paraíso transformado em inferno pelo homem, na sua ânsia de extrair riquezas de tudo, comercializando a árvore e o capim, metamorfoseando em dinheiro o suco das plantas, o veneno dos cipós, o colorido dos pássaros. E neste desejo, escravizando o índio, deslocando populações, atirando para o pântano o homem dos desertos secos, encadeando-o por dívidas às cooperativas dos trustes capitalistas, à exploração perpétua das árvores da borracha. (BASTIDE, 1980, p. 23).

Nas criações literárias que tem como cenário a região amazônica, muitas das tramas circunscrevem o que Bastide tão bem retratou no parágrafo acima. Das obras lançadas no século XIX, até hoje, percebemos que as inspirações para as composições literárias são recorrentes. Temos a presença do índio, muitas vezes retratado como selvagem; do caboclo extrativista e apático; do nortista (mais especificamente, o seringueiro) explorado e sofrido; dos exploradores que na busca incontrolável de fazer fortuna, retiram da terra até a última seiva.

A abordagem que Ferreira de Castro faz na obra *A Selva*, evidenciando os problemas sociais e toda a realidade vivida nos seringais da Amazônia, tem como base a sua experiência na extração do látex nos seringais às margens do rio Madeira entre 1911 e 1916. Ele conviveu com o drama humano dos nordestinos, que forçados pela seca de 1898 vinham em busca de vida melhor na Amazônia, se submetendo a condições de trabalho desumanas, entregando sua vida a uma batalha pela sobrevivência. Toda essa realidade, Ferreira de Castro utiliza como pano de fundo para este seu mais famoso romance.

Todo conjunto de questões ambientais sociais, culturais sempre foram um campo de pesquisa de muitos estudiosos, buscando compreender a identidade da região amazônica através dos registros literários. Por isso que a obra “A Selva” se destaca, pois se configura como um *diário de bordo* do próprio autor, no qual o escritor registra, com riqueza de detalhes, suas experiências e percepções sobre essa região e sobre o que acontecia na realidade durante a trajetória do emigrante até o centro dos seringais, e, além disso, o que o homem vivenciava no processo de extração da borracha. O romance é uma fonte de pesquisa para quem deseja conhecer um pouco do que foi o período da borracha e como era a realidade do seringueiro em todos os aspectos, seja social, cultural, psicológico, ambiental e econômico.

O foco narrativo tem como ponto central o personagem Alberto. A partir do olhar dele, de suas perspectivas e observações sobre a realidade posta a sua frente constiu-se o drama do romance. Ou seja, a saga de uma leva de homens, vindo de outras partes do Brasil e do mundo, como é o caso de Alberto, português, vindo de Portugal para a selva amazônica, e se deparando com uma situação quase que animalésca: os homens viajavam confinados em navios como *mercadorias*. Esses homens sentem e se resignam com o sofrimento, sentindo-se muitas vezes obrigados a sofrerem e a cometerem atrocidades absurdas, como crimes, estupros, zoosexualismo, entre outros.

Por essas razões, a obra possui um caráter documental desse ciclo, pois Ferreira de Castro produz na narrativa um caráter verossímil e bem arquitetado, próximo de um

documentário, que registra as formas de expressões e as novas linguagens surgidas a partir das novas relações estabelecidas nos seringais. A linguagem é objetiva, com destaque para a descrição dos detalhes em uma linguagem regional, da qual muitos termos só têm sentido no contexto das interações no próprio ambiente.

O contato com a literatura é importante para entendermos o surgimento das diferentes visões que se desenharam sobre a região amazônica e de seus habitantes. Por mais que seja literatura de ficção, há uma certa verossimilhança que não se pode deixar de levar em consideração e nem negar. Por meio da leitura, indiscutivelmente, nos aproximamos do nosso ambiente, de como este foi construído, de como se cristalizou a cultura que se tem acerca do norte do país.

Importante ressaltar que por mais que a região amazônica tenha se desenvolvido muito, ainda se percebe que existe um certo preconceito e desconhecimento de outras regiões do Brasil sobre como realmente é o norte do país. Sobre o que é produzido em termos de música, teatro, literatura. Este desconhecimento em parte é gerado pela falta de incentivo à leitura, de divulgar a cultura nortista para as demais regiões do país. Esperamos que este estudo colabore para incentivar a leitura e divulgar as criações literárias com foco na região amazônica.

REFERÊNCIAS

- BATISDE, Roger. **Brasil**: terra de contrastes. São Paulo: Difel, 1980.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Fundação Cultural do Estado do Acre: Rio Branco, 199 9
- COSTA, Lígia Militz. **A Poética de Aristóteles**. São Paulo: Ática, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CRISTÓVÃO, Fernando. **Ferreira de Castro e a literatura brasileira**. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 21, set. 1974, p. 20-22.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: São Paulo, 2011. Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf. Acessado em 30/06/2014.
- KRÜGER, Marcos Frederico. Grande Amazônia: veredas. In: RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. 5. ed. Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2001.

LEÃO, Allison. A Selva: obra em fronteiras. In: RIOS, Otávio (org.). **O Amazonas deságua no Tejo: ensaios literários**. Manaus: UEA Edições, 2009. p. 62-83.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa através dos textos**. 29ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

PADRE SAUNDERS. **O que significam as cinzas**. Mundo Católico. João Pessoa: Paraíba, fev. 2001. Disponível em <http://www.mundocatolico.org.br/biblia/cinzas.htm>. Acessado em 12/09/2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Recebido em 18/09/2017.

Aceito em 12/12/2017.